

## UM VÔMITO DE MELANCOLIAS GARGALHADAS

Recebido: 27/01/2021

Aprovado: 21/06/2021

Publicado: 30/07/2021

DOI: 10.18817/rlj.v5i01.2489

Hêmille Raquel Santos Perdigão<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7832-5572>

MORENO, Newton. *História que alguém me contou*. São Paulo: Ilustríssima, Folha de São Paulo, 2011.

O conto *História que alguém me contou*, de Newton Moreno, é a narrativa, do ponto de vista de um passageiro, de um episódio ocorrido em um metrô. O conto começa *in medias res*, com a frase “Uma negra bêbada tropeçou para dentro do metrô”. Tem-se a impressão de que o texto não apresentará nenhum acontecimento extraordinário, visto que a entrada de uma pessoa bêbada em um metrô é um fato corriqueiro. Cortázar, em sua obra crítica, defende que, no início de um conto, é improvável que sejam encontrados “elementos gratuitos, meramente decorativos”. (CORTÁZAR, 1998). Percebe-se que no conto de Moreno não há detalhamentos do cenário e dos personagens, de modo que o que consta no texto é o indispensável para a compreensão.

A aparente ausência de informações é característica do gênero conto literário, o que leva Cortázar a comparar a função do contista à do fotógrafo, pela comum necessidade de

escolher e a limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não apenas tenham valor em si mesmos, mas que sejam capazes de funcionar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projeta a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que chega muito mais longe do que o episódio visual ou literário contidos na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 1998).

A capacidade do conto de apontar para algo além do episódio narrado é notável nas frases seguintes à anúncio da entrada da negra: “Testou seus superpoderes, tentando se equilibrar com o vagão em movimento. Parecia surfar no ar já contaminado de seu bafo”. (MORENO, 2011). O termo “superpoderes”

---

<sup>1</sup> Bacharela em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestranda em Letras: Estudos da Linguagem pela mesma universidade com financiamento da CAPES. E-mail: [hemilleperdigao@gmail.com](mailto:hemilleperdigao@gmail.com)

mostra a comicidade irônica com que a negra é analisada pelo narrador, mas, ao mesmo tempo, os verbos “equilibrar” e “surfar” remetem a um meio de locomoção marítimo e não ferroviário, em uma prévia de algo que será revelado posteriormente.

O narrador destaca, então, a alegria da mulher por se manter em pé, e deixa bem claro que suas gargalhadas causam incômodo a ponto de todos desejarem sua queda. Apesar da ausência de especificações de horário, imagina-se que o episódio se passa em um fim de horário comercial, quando a maioria dos passageiros são trabalhadores cansados, retornando para casa. A queda da mulher seria, para eles, um episódio cômico para entretenimento do entediante e demorado retorno; quiçá, seria o único fato cômico do dia. Além disso, havia um ódio por pensarem que, enquanto trabalhavam, a negra estava em um momento de lazer, tomando cervejas. Diante disso, o desejo de queda era, também, uma vontade de que ela fosse punida por estar se divertindo enquanto tantos trabalhavam. Todavia, ela não cai; ao contrário, se senta e começa a tagarelar, até que vomita.

O episódio da negra vomitando é algo vulgar. Seria o que Cortázar chama de elemento significativo do conto, que marca a capacidade do autor de “transformar um vulgar episódio [...] no resumo implacável de determinada condição humana” (CORTÁZAR, 1998). Após a negra vomitar, todos se afastam para o outro lado do vagão, deixando-a sozinha. O vômito estabelece, assim, uma separação espacial ela e os demais passageiros e, por mais vulgar que seja o acontecimento, resume a condição humana de uma pessoa ser apartada das demais quando se livra do que lhe causava mal. O vômito é resultante de um desconforto interno e, caso não ocorra, causa um mal maior ao organismo, por um tempo prolongado. Ao vomitar, a pessoa elimina de si o que não foi digerido e dá início à sua recuperação. O que não havia sido digerido pela negra vem logo a seguir. Curiosamente, o afastamento consequente do seu vômito colocara os demais passageiros na condição de plateia. Ela entoava um canto, seguido de um conto popular. A história é de um africano que se passou por mulher para que ele, ao invés da amada, fosse levado embora de sua terra. A negra conta das más condições do transporte dos seus antepassados no navio e menciona que o negro, protagonista da história, não sorriu desde que deixou seu lar. Isso explica o porquê de a mulher gargalhar

enquanto se equilibrava no transporte: estava gargalhando por todos os negros que deixaram de sorrir. Anos depois, o negro voltou à África para procurar sua mulher, mas teve a notícia de que ela havia tomado um navio à procura dele, viagem na qual sua vida chegou ao fim.

Como é próprio de um conto popular, a narrativa é passível de modificações, de modo que a performance da contadora é importante. No caso, as sentenças truncadas da negra transmitem sua tristeza, que faz com que seja difícil tratar do assunto. Para a maioria das pessoas no vagão, a viagem representava o retorno à família, enquanto para a mulher negra, ao contrário, remetia à separação das famílias de seus antepassados. Com isso, o conto popular marca, no conto literário, uma mudança de efeito, do cômico para o melancólico. Aparentemente, Moreno está em acordo com Poe que “a melancolia é, assim, o mais legítimo de todos os tons poéticos.” (POE, 1965, p. 914).

Também em acordo com o que Poe explica em sua *Filosofia da Composição*, Moreno considerou, em sua composição do conto, o efeito que causaria. (POE, 1965, p. 911). Ao inserir um conto popular em seu conto literário, Moreno conseguiu mostrar o efeito que ambos os gêneros podem causar: a melancolia do conto popular causou, nos personagens/passageiros do metrô, o mesmo efeito que a tensão entre o cômico e o melancólico no conto literário causou em nós, leitores: a reflexão sobre a melancolia mal digerida, que é vomitada em tantas gargalhadas que nos incomodam.

## Referências

CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica*. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

POE, Edgar Allan. *Ficção Completa, Poesia e Ensaios*. Tradução de Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.